

**Salette Tavares, 1982**

**O TACTO. PARA O ESTENDAL DA ANA**

Na era do LIMPO mito  
descrever o Olimpo nesta terra  
é cantar a gesta dos museus

Rito de eus  
Na recolha de restos aplaudidos esquecidos,  
que ali vivem na intimidade dos armários  
no conflito das gavetas  
luta de deuses manejando humanos  
por paredes por salas por tablados  
sempre em seu proveito  
pois o carinho os desdobra limpos  
restaurados  
para o mimo de pupilas deslumbradas.

As portas dos museus  
casas onde as musas se acolhem,  
abrem como pálpebras  
e mostram o espelho onde mergulharemos  
no fascínio calado do instante  
outro instante tempo.

Translúcido espaço para os passos  
para os olhos dedos  
templo onde o corpo exalta  
táctil e presente  
o regresso da selva à raiz para saber-se.  
Táctil.

Táctil no resumo dos sentidos  
em que apercebe  
para além do sapato a areia  
a pedra  
a tábua  
o seco  
o molhado.

Para além da meia ou da peúga  
a brisa o sol o vento a chuva  
o conforto ou o desconforto da saia  
da calça  
da blusa  
da camisa.

Para além da manga ou da luva  
o gesto que se alarga  
e na mão define o todo.  
Tacto do meu corpo para além de xaile.

---

Centro organizado do sentir  
baile a compasso e esquadro  
corpo sítio do nu  
    ou do vestido  
para além do chapéu        o céu  
para além do véu que levanta a virgem  
desflorada  
o branco encontro das sete cores  
depois da trovoadas.

Ó entender estendido pele,  
tacto  
para além de qualquer aderência sazonal  
pronta e inventada  
no cuidado maternal com o tecido!  
Em quantas horas cuidados te desvelas?

Trago pela mão Rudolfo Arnheim  
um velho amigo que me ensinou o olho  
criativo:  
- Mas ouve, ouve bem  
porque a ouvir apalparás o que te digo,  
tu que, como as fontes dos sentidos  
no Bom Jesus do Monte,  
entendeste que o que vejo é a água  
a jorrar dos olhos, dos ouvidos  
a percepção feita jorro, de dentro,  
não terás sido injusto ao «não dizer»  
que todo o sentido perceptivo  
é este corpo elástico  
o tacto estruturado?  
Táctil o que a pele me dá  
táctil a música no ouvido  
táctil este paladar tão definido  
táctil o olhar, mais fácil de explicar  
táctil o calor e o frio e também a dor  
táctil o cheiro de uma flor  
táctil a pétala da rosa  
táctil a corda do estendal e o gesto em que me  
estico  
força para a deixar bem presa.  
Táctil a mola        o lençol que estendo  
    e prendo  
o bordado        o botão da fronha  
o turco molhado torcido.  
Táctil a roupa despedida do sabão  
    da barrela  
o cheiro a lavado  
    halo que destila o ar.  
Táctil o gesto extenso em que me alago

---

pelo estendal de pingos lágrimas acenos  
a enfunar.  
Táctil o prazer de que não falo  
pois nos dedos róseos, a Aurora que levanta  
desentrança-me os cabelos  
e suspende a mão sobre a minha testa.  
Da carícia mansa e total em que desenha  
alastra límpida a festa no meu corpo  
que de táctil se define em banho.

**Desdobrável da exposição, «ESTENDAL, Texturas, Ciclo e Percurso - Ana Vieira»,  
Lisboa, Museu Nacional do Traje, 1982**

**Catálogo *Ana Vieira: Muros de Abrigo / Shelter Walls*; Ponta Delgada [Açores], Museu  
Carlos Machado, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, pp. 208-209 (org.  
Paulo Pires do Vale)**

---